

ANGOLANA

ATUALIDADE

Número 7

Rio de Janeiro, fevereiro de 1988

Pretória sofre derrota

Os invasores sul-africanos e os seus protegidos da Unita sofreram uma pesada derrota em Cuito Cuanavale, sudeste do país, que tentavam ocupar pela força desde meados de janeiro (ver edição anterior). Apesar dos meios humanos e materiais utilizados no ataque (sete mil homens, entre soldados sul-africanos, mercenários e terroristas da Unita, além de canhões de longo alcance G-5 e G-6, blindados AML-90, AML-60, Ratel, Bufalo e Sarracem e dezenas de aviões), as tropas angolanas conseguiram conter o avanço inimigo, nos dias 14 e 15 de janeiro. A defesa antiaérea e a aviação angolana desempenharam um papel chave na defesa da localidade.

Segundo o major Nando, chefe do Estado-Maior das Fapla (Forças Armadas Populares de Libertação de Angola) na 6.ª Região Politico-Militar, que abrange Cuito Cuanavale, os combates em torno da cidade "foram os mais intensos verificados no continente africano depois da 2.ª Guerra Mundial". Os sul-africa-

Angop



O exército angolano é um dos mais fortes da África

nos utilizaram os meios bélicos mais sofisticados, sobretudo os sistemas de artilharia de longo alcance, que destruíram numerosas infra-estruturas civis de Cuito Cuanavale. Mas não conseguiram romper as linhas defensivas do exército angolano e ficaram parados a 23 quilômetros da localidade.

Propaganda — A batalha de Cuito Cuanavale serviu para, mais uma vez, desmascarar a

propaganda da Unita. Desde o início do último ataque, a 12 de janeiro, essa organização reivindicou o cerco da cidade, quando, na verdade, as suas forças não passavam de complemento das unidades sul-africanas (observadores militares independentes reconhecem que a Unita não possui tanques, canhões G-5 ou G-6, nem os seus homens tripulam aviões). No dia 26 de janeiro, Savimbi chegou mesmo a anun-

ciar a queda de Cuito Cuanavale, mas, menos de 12 horas depois, teve de se desmentir, numa sintomática demonstração de falta de seriedade.

O governo sul-africano, por sua vez, também recorreu à propaganda, para ocultar o que na verdade se passou em Cuito Cuanavale. Depois que ficou evidente a derrota das suas tropas, acusou Angola de ter usado armas químicas durante os combates, a fim de minimizar o insucesso sofrido. A alegação foi veementemente desmentida pelos responsáveis militares angolanos.

Apesar de derrotada, a África do Sul não desistiu dos planos de ocupação de Cuito Cuanavale. Assim, mantém a pouco mais de 20 quilômetros da cidade o Batalhão 201, formado por 3 mil namibianos negros incorporados à força no exército de Pretória (os oficiais brancos estão em locais mais seguros). Segundo o major Nando, das Fapla, a utilização de negros visa confundir os namibianos com os homens da Unita.

EDITORIAL

Disposição para o diálogo

Na véspera de mais uma rodada de conversações entre Angola e os Estados Unidos, realizada em Luanda nos dias 28 e 29 de janeiro, o presidente José Eduardo dos Santos afirmou que o governo angolano esperava da parte americana "espírito construtivo e boa fé". Ele afirmou que Angola havia aceitado chegar a uma solução de compromisso e que tinha apresentado propostas construtivas para se conseguir a paz na África Austral, pelo que esperava de seus interlocutores "idêntica atitude". A avaliar pelos resultados que foram divulgados em Luanda e Washington, parece que, no mínimo, as duas partes mantêm uma saudável disposição para o diálogo. No delicado cenário da África Austral, isso, por si só, é um sinal extremamente positivo.

Segundo um comunicado do

Ministério das Relações Exteriores, foram introduzidos, no encontro de Luanda, "novos elementos", que os dois países se comprometeram a estudar, a fim de, posteriormente, prosseguirem as conversações. O documento não esclarece de que elementos novos se trata, mas os observadores pensam que eles têm a ver, possivelmente, com o prazo e as condições para a retirada das tropas cubanas de Angola. Entretanto, o fato público mais relevante foi, sem dúvida, a presença de uma delegação de Cuba nas discussões. A aceitação inédita dessa presença pela parte americana não deixa de funcionar como um sinal encorajador.

Em Washington, os resultados do encontro foram também anunciados num tom de moderado otimismo. O porta-voz do Depar-

tamento de Estado, Charles Redman, declarou mesmo que tinha sido dado "um importante passo à frente". Lamentavelmente, o funcionário americano não resistiu à tentação da desinformação, quando afirmou que Angola aceitou o princípio da retirada cubana "pela primeira vez". Isso não é verdade. Essa sempre foi a posição do governo angolano, apoiada por Cuba. Não se verificou, portanto, qualquer mudança de Angola a esse respeito.

No encontro de 28 e 29 de janeiro, a delegação angolana reafirmou a sua posição de princípio, segundo a qual a retirada cubana está condicionada aos seguintes fatores: abandono do território angolano pelos invasores sul-africanos; respeito pela soberania e integridade territorial de Angola; independência da Namíbia com base na resolução

n.º 435 das Nações Unidas; e fim de todo o apoio da África do Sul e dos Estados Unidos à organização terrorista Unita. Sem o cumprimento dessas quatro condições, não parece crível que Angola possa fazer concessões de espécie alguma.

Depois da reunião de Luanda, a imprensa internacional noticiou que Pretória havia reagido tempestuosamente aos resultados alcançados. A simples disposição, manifestada por Angola e pelos Estados Unidos, de aprofundar as discussões, irritou os militaristas no poder na África do Sul. Mas esse é um problema, desde logo, para a Casa Branca. Da capacidade para pressionar o *apartheid* depende, afinal, qualquer avaliação acerca da sinceridade e competência dos Estados Unidos para servirem de intermediários na África Austral.

O início da luta de libertação

Christine Pinheiro



Sobreviventes do 4 de Fevereiro

Angola comemorou a 4 de fevereiro o 27.º aniversário do início da luta armada de libertação nacional no país. Essa luta, que só terminou a 11 de novembro de 1975, com a proclamação da independência angolana, constituiu, na verdade, um desenvolvimento, em bases atuais, da longa tradição de resistência das populações que habitavam o território que forma hoje a República Popular de Angola.

Com efeito, o nacionalismo angolano tem as suas raízes mais profundas nas lutas, quase ininterruptas, que marcaram a vida dos povos de Angola desde 1575, quando Ngola Kiluange defrontou o invasor português Paulo Dias de Novais, que desembarcara em Luanda. A rainha Nzinga deu, pela primeira vez, a lição de que só se triunfa quando se forja uma unidade contra o inimigo comum. Ngola Kanini aperfeiçoou a tática de ataque aos centros económicos coloniais. Os jagas, partindo dos seus quilombos, foram mestres na guerrilha. O rei Ekuikui, do Bailundo, no centro-sul, procurou criar as bases económicas para assegurar a autonomia do seu povo.

As lutas contra o ocupante colonial sucederam-se ao longo dos séculos até a última revolta do Cubal, já em 1940. Só então se completou a ocupação militar de Angola pelos portugueses. Mas apenas 21 anos depois, com o "4 de Fevereiro", o povo angolano retoma a luta armada. Esta, porém, é inserida num quadro diferente: o do moderno nacionalismo angolano, dirigido pelo MPLA, unindo todas as regiões, etnias, raças, credos e variadas classes sociais.

Nacionalismo — Esse moderno nacionalismo foi-se moldando de várias formas, tanto nas áreas rurais quanto nas cidades. Uma delas foi a denúncia contra o colonialismo que, desde o final do século XIX, era feita por intelectuais e trabalhadores urbanos, através de publicações diversas e associações regionais. Um decreto do governo de Lisboa, de 1856, estende às colónias portuguesas a liberdade de imprensa, da qual se irão aproveitar, por alguns anos, os africanos.

Estes, após se expressarem, sobretudo a partir de 1872, no *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiras*, lançam o seu primeiro jornal em 1881, o *Echo de Angola* e, nos anos seguintes, vários outros, em português e em quimbundo, embora de pouca duração. Neles se revelaram os nomes de alguns que são hoje considerados os precursores do mo-

derno nacionalismo angolano: Fontes Pereira, Cordeiro da Mata, Paixão Franco, Assis Júnior e vários outros. A obra coletiva *Voz Angola-Clamando no Deserto*, de 1901, é um exemplo dessa atuação.

No final da década de 1920, já com a ditadura fascista se implantando em Portugal, começou a se formar em Angola um amplo movimento de reivindicação popular. Isso deu origem à fundação da Liga Nacional Africana e, mais tarde, da Associação dos Naturais de Angola. Essas organizações permitiram que os africanos mais conscientes das cidades, sobretudo de Luanda, criassem escolas clandestinas nos musseques (favelas), onde era fomentado o nacionalismo. Em 1948, um grupo de jovens intelectuais lança o movimento "Vamos descobrir Angola" e edita a revista *Mensagem*. Ao mesmo tempo, em Lisboa, os estudantes das colónias portuguesas travam, no interior da Casa dos Estudantes do Império, uma luta política e cultural, liderada por futuros dirigentes dos movimentos de libertação, como Agostinho Neto, Amílcar Cabral e Eduardo Mondlane.

Repressão — O nacionalismo sofre uma dura repressão da policia secreta sala-

zarista (Pide). Em 1959, depois de uma demonstração de força feita pela aviação militar portuguesa, centenas de prisões são efetuadas em Luanda. Delas resulta o famoso "Processo dos 50", que culminou com a condenação a penas extremamente severas de angolanos pertencentes a meios sociais diversos (funcionários, enfermeiros, estudantes, operários). Nova vaga de detenções de nacionalistas acontece em junho de 1960.

O MPLA dirige então ao governo português uma declaração propondo negociações. Mas a violência colonial aumenta. O MPLA adverte, numa visita ao Parlamento inglês, que só resta a ação direta para fazer prevalecer o direito do povo angolano à autodeterminação e independência.

Nessa altura, em Luanda, circulavam rumores de que os presos políticos detidos na Casa de Reclusão seriam transferidos para a sinistra prisão de Tarrafal, em Cabo Verde. Tomou-se então a decisão de realizar o assalto às prisões. A escolha do dia 4 de fevereiro teve também em conta o fato de um grande número de jornalistas estrangeiros estar presente na cidade, para cobrir a chegada do navio português Santa Maria, que havia sido seqüestrado em pleno Atlântico por um comando anti-salazarista, liderado pelo capitão Henrique Galvão.

O ataque — Três grupos organizados por militantes do MPLA dividem entre si os alvos do ataque. Na madrugada de 4 de fevereiro, o primeiro comando esbarra com elementos do exército colonial que reforçavam a guarda da Casa de Reclusão e acaba dizimado. O segundo, praticamente sem armas eficazes, lança-se sobre a prisão de São Paulo (um bairro de Luanda) e o posto da Pide. O terceiro ataca o transmissor da rádio oficial. Estes dois últimos comandos, embora não tenham êxito, saem ilesos e refugiam-se mais tarde nas matas do norte e nordeste do país.

A repressão que se segue transforma-se em genocídio. Não só policiais e soldados, mas também colonos armados atacam os musseques, incendiando casas, numa mancha que, segundo números da imprensa internacional, atingiu três mil pessoas.

Seja como for, e apesar do seu insucesso do ponto de vista militar, a ação de 4 de fevereiro de 1961 teve um profundo mérito histórico e político. Essa data deu início à luta de guerrilha conduzida pelo MPLA, que apenas terminaria, 14 anos depois, com a derrota dos portugueses.

ANGOP

AGÊNCIA ANGOLA PRESS

Diretor Geral:

Julio Guerra

Diretor de Informação:

Avelino Miguel

Diretor Técnico:

José Abreu de Oliveira

Sede Central

Rua Rei Katyavala, n.º 120

Telefone: 334-593

Telex: 4160 ANGOP

AN — Luanda

República Popular de

Angola

Sucursais

Brasil

Diretor:

Anibal João Melo

Diretor Adjunto:

Felisberto Costa Filho

Endereço:

Rua Álvaro Alvim,

31/501, CEP 20031,

Centro, Rio de Janeiro

Telefone:

(021) 220-9439

Telex: (021) 32462

ANBL BR

Portugal (Lisboa)

Diretor:

Nazareth Van-Dunem

Telefone: 533-704

Telex: 42758 ANGOPP

Grã-Bretanha (Londres)

Diretor:

Élio Gamboa

Telefone: 493-1611

Telex: 295813 ANGOP G

Correspondentes:

António Santana, (Harare),

Conceição Luanda (Berlim),

Filipe Muakasso (Praga), José

Chimuco (Havana), José

Wolo Kossi (Brazzaville),

Vasco Correia (Moscou)

ANGOLANA
ATUALIDADE

Editor: Anibal João Melo

Redação: Carlos Augusto de Oliveira Lima e Felisberto Costa Filho

Pesquisa: João Belizário

Diagramação: Fabio Dupin

Arte-Final: Fernando de Oliveira

Composição e Impressão:

Editora Lidador Ltda.

AGRESSÃO

Angola denuncia expansionismo de Pretória...

A medida que o tempo passa, fica mais claro que a atual invasão do território angolano pela África do Sul, iniciada em setembro do ano passado, "reflete uma política expansionista e aventureira voltada para a conquista de posições há muito tempo perdidas na África Austral com a derrocada do colonialismo português". A avaliação foi feita, no princípio deste mês, pelo Birô Político do MPLA-Partido do Trabalho. Para o órgão dirigente do partido no poder em Angola, a agressão sul-africana "não constitui apenas uma ação de proteção aos bandos fantoches" (*fantoches* é a terminologia usada no país para qualificar a Unita, por causa da sua dependência em relação ao *apartheid*).

Em declaração divulgada em Luanda, a propósito do 27.º aniversário do início da luta armada, o Birô desmente as alegações sul-africanas de que seu objetivo é defender a África Austral de uma suposta ameaça comunista. "Não existe nenhuma ameaça comunista na África Austral e nem mesmo na África do Sul. O que se passa é um descontentamento popular generalizado na África do Sul, por causa da política de segregação racial. Quanto à instabilidade na região, não tem outra causa senão a política agressiva do *apartheid* contra os países vizinhos", garante o documento.

O MPLA-Partido do Trabalho alerta tam-



Material de guerra sul-africano capturado pelas forças angolanas

bém a opinião pública sul-africana, e em particular os pais e familiares dos soldados "mortos ingloriamente no sul de Angola", para a aventura em que os governantes de Pretória estão lançando o país. "Essa aven-

tura só trará pesadas conseqüências para a própria África do Sul", avisa a declaração.

Objetivos — Em Angola, pensa-se que o grande objetivo de Pretória é controlar todo o sul do país, transformando a região numa nova Namíbia. Os esforços, até agora inúteis, para tomar Cuito Cuanavale inserem-se nessa estratégia. Com a localidade em seu poder, os invasores poderiam estender suas ações até o planalto central e ocupar novas cidades nas províncias do sul, centro e leste do país. Esses planos correspondem às concepções dos setores mais militaristas dentro da África do Sul, segundo os quais a defesa do *apartheid* deve ser feita fora das fronteiras.

No âmbito dessa estratégia genérica, Pretória tem um alvo particular: a ferrovia de Benguela, cuja importância é vital para reduzir a dependência dos países da África Austral em relação às rotas sul-africanas. A linha serve não apenas Angola, mas também o Zaire e a Zâmbia, podendo ser ligada às vias que, através de Moçambique e da Tanzânia, atingem o Oceano Índico. Por isso, e como declarou Cleophas Silingi, diretor geral dos Caminhos de Ferro de Benguela, empresa que administra a ferrovia, "a África do Sul e a Unita estão desencadeando uma guerra direta contra esse objetivo estratégico".

...e envolvimento do Zaire

A aviação zaireense violou o espaço aéreo de Angola mais de uma centena de vezes durante o ano passado, em especial nas províncias de Lunda Norte e Lunda Sul, no nordeste do país. Em Cabinda, no norte, também foram registradas violações. Ao mesmo tempo, aumentou consideravelmente o movimento de viaturas militares nas províncias zaireenses junto da fronteira angolana, por onde começaram a ser introduzidos grupos da Unita. Estas denúncias foram feitas em janeiro, em repetidas ocasiões, por vários dirigentes angolanos, civis e militares.

Como resultado desse apoio cada vez mais claro — embora oficialmente negado — do Zaire aos terroristas angolanos, voltou a verificar-se uma certa atividade militar no norte e nordeste de Angola, onde a situação era tranqüila desde 1975. O governo do presidente Mobutu alega que não tem controle absoluto do que se passa na fronteira, mas as forças armadas angolanas apresentaram, recentemente, provas documentais do envolvimento dos serviços secretos e das tropas zaireenses na desestabilização militar do país.

Entretanto, a situação no norte e nordeste de Angola não é tão grave como no sul. Até agora, as tropas governamentais têm conseguido fazer face às tentativas de infiltração dos grupos da Unita. Têm sido também interceptados diversos descarregamentos feitos pelos aviões zaireenses.

Kamina — A revista britânica *African Concord* já tinha revelado no seu primeiro número deste ano, que o centro da operação de desestabilização de Angola a partir do norte se situa na base aérea zaireense de Kamina, recentemente modernizada pelos Estados Unidos. Essa informação foi confirmada por um oficial da Unita capturado pelas tropas angolanas, Sebastião de Almeida. Ele revelou, por exemplo, que os homens de Savimbi são treinados em Kamina, inclusive no manejo dos missões Stinger, fornecidos pela Casa Branca.

No final de janeiro, a utilização da base de Kamina para desestabilizar o território angolano foi condenada numa reunião dos países da Linha de Frente (Angola, Moçambique, Zâmbia, Zimbábue e Tanzânia) e dos países nórdicos, na cidade tanzaniana de Arusha. Desconhece-se a reação do Zaire a essa condenação pública.

Segundo observadores políticos, o envolvimento zaireense na guerra de Angola faz parte de uma estratégia para dar uma nova imagem à Unita, muito desgastada por causa da sua dependência em relação ao *apartheid*. Não se trata, porém, de substituir a frente sul por uma frente no norte. O objetivo, dizem esses observadores, é criar uma segunda frente que complemente os ataques de Pretória no sul do país.

Planos

inconvenientes

O chefe dos contra-revolucionários angolanos, Jonas Savimbi, pretende visitar, a partir de março, dois países europeus (Inglaterra e Portugal) e quatro africanos (Zaire, Quênia, Gabão e Camarões).

Até o momento, o único país que se mostrou disposto a autorizar a entrada do chefe da Unita foi a Grã-Bretanha, cujas autoridades alegam que ele teria um visto normal, de "cidadão comum", e não seria recebido oficialmente. Essas explicações não convenceram Angola, que já comunicou que, no caso de se concretizar a visita, isso seria considerado "um gesto inamistoso".

Os planos de Savimbi começaram também a provocar, na Grã-Bretanha e Portugal, fortes protestos de organizações *antiapartheid*, grupos de solidariedade, sindicatos, partidos políticos, parlamentares e intelectuais.

Nos países africanos que, de acordo com a imprensa internacional, o chefe terrorista angolano deseja igualmente visitar, não tinham sido produzidos, até o término desta edição, quaisquer comentários acerca dessas informações.

POLÍTICA

Nomeações — O presidente José Eduardo dos Santos nomeou António Paulo Kassoma para o cargo de vice-ministro da Defesa para o Armamento e Técnica. Foram também nomeados Luís Gonzaga Wawuti, para comissário provincial (governador) de Luanda, e os embaixadores Manuel Pedro Pacavira (Nações Unidas), Luís Dokui Paulo de Castro (Cuba) e Elisio de Jesus Figueiredo (Grã-Bretanha).

Chipenda — O antigo dirigente do MPLA durante a luta anticolonial e ex-opositor do governo de Angola, após a independência, Daniel Júlio Chipenda, regressou ao país, beneficiando-se da política de harmonização nacional aplicada pelas autoridades. Chipenda foi um dos mais importantes dirigentes do MPLA durante a guerrilha, mas, pouco



Daniel Chipenda

antes da independência, formou uma dissidência e chegou a aliar-se à FNLA e à Unita. Em janeiro deste ano, depois do seu regresso do exílio, foi recebido pelo próprio presidente José Eduardo dos Santos. Ele deverá ser nomeado para uma importante empresa que atua na região central de Angola, de onde é originário.

ECONOMIA

Perspectivas — As perspectivas económicas de Angola são melhores este ano do que em 1987, segundo declarou o presidente José Eduardo dos Santos. Para isso, acrescentou, é preciso que o governo impeça uma degradação ainda maior da situação militar, os preços do petróleo (principal produto de exportação do país) se mantenham mais ou menos estáveis e a dívida externa seja reescalada. As primeiras negociações com os credores têm sido bem sucedidas, revelou o presidente angolano. Eduardo dos Santos mostrou-se confiante no êxito do programa de saneamento económico e financeiro (SEF), que prevê, além de ajustamentos internos, a entrada de Angola no Fundo Monetário Internacional e no Banco Mundial.

Petróleo — A Cabinda Gulf Oil Company, americana, e a Elf-Aquitaine, francesa, esperam um rápido aumento da extração de petróleo em Angola, nos próximos três anos. A primeira, que atua em Cabinda, extremo norte do país, pensa aumentar a sua produção de 231 mil barris diários no ano passado para 300 mil barris em 1990. As expectativas da Elf, que opera em Nzeto, litoral norte, são de uma produção de 150 mil barris diários em 1990, contra 82 mil no ano passado. Entretanto, a companhia britânica Britoil adquiriu 20% de interesses no Bloco 8 do off-shore angolano, na província de Kuanza Sul, litoral sul do país. Os primeiros furos exploratórios nesse bloco começam em 1989.

DIPLOMACIA

Brasil — A agressão do exército da África do Sul contra Angola “não só significa um incidente extremamente grave, como uma agressão contra os Estados e pessoas engajadas na busca de soluções para o conflito da África Austral”, segundo declarou o diretor do Departamento para África do Itamaraty, embaixador Carlos Coutinho Perez. O diplomata brasileiro, que fez essas declarações na reunião de doadores da SADCC (Conferência de Coordenação para o Desenvolvimento da África Austral), em Arusha (Tanzânia), reafirmou que “a África constitui uma prioridade na política externa brasileira”.

Americanos — O grupo negro no Congresso dos Estados Unidos apoia a luta de Angola contra as agressões da África do Sul, segundo declarou, em Luanda, o deputado americano e presidente da organização Black Caucus, Meryn Dymally. O congressista, que visitou Angola em janeiro, acrescentou que a sua

organização quer ajudar a solucionar o problema da África Austral e a melhorar as relações angolano-americanas.

Congo — O presidente congolês, Denis Sassou Nguesso, realizou no mês passado uma visita oficial a Angola, durante a qual foram discutidos aspectos ligados à cooperação bilateral entre os dois países e à situação internacional, em especial na África Austral. O incremento dos esforços para o estabelecimento de relações económicas complementares entre Angola e o Congo foi uma das principais conclusões da visita.

Obasanjo — O general nigeriano Olusegun Obasanjo esteve em Angola em meados de janeiro, numa visita de informação. Obasanjo era o presidente da Nigéria em 1975, quando este país reconheceu a independência de Angola e enviou homens e material para enfrentar a invasão sul-africana. Atualmente, está ligado ao comité *antiapartheid* das Nações Unidas.

GUERRA

Igrejas — Os representantes das igrejas católica, protestante e adventista do município de Chicomba, na província de Huila (sul de Angola), responsabilizaram o grupo terrorista Unita pelas dificuldades que a missão pastoral dessas instituições atravessa atualmente no interior daquela região. A denúncia consta de uma carta enviada ao comissário provincial (governador) de Huila, Lopo do Nascimento.

CULTURA

Nobel — O escritor angolano Luandino Vieira mostrou-se surpreso com a opinião de Jorge Amado de que “é merecedor” do Prémio Nobel de Literatura, por ser “um dos mestres vivos da ficção em língua portuguesa”. Para Luandino, isso deve ser entendido como “um grande gesto de amizade”. Embora concorde com a avaliação de Jorge Amado de que a literatura em língua portuguesa merece a distinção, o escritor angolano disse que, pessoalmente, não se considera com mérito suficiente para o prémio.

ANGOLA, TERRA DA LIBERDADE



TAAG

LINHAS AÉREAS DE ANGOLA
A Serviço da Reconstrução Nacional

TAAG — Av. Presidente Vargas 542/1603
Telefones: 263-9711, 263-4988 e 263-4911
Telefones no Aeroporto Internacional: 398-3112 e 398-3113